



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 17, N° 1 (2023)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias  
de la Educación, Universidad de la  
República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)

Faculdade de Educação, UNICAMP. [www.fe.unicamp.br](http://www.fe.unicamp.br)

---

Poéticas Ancestrais da Dança Para Um Corpo em Devir-  
Mulher

*Poéticas ancestrales de la Danza Para Un Cuerpo en el  
Devenir -Mujer*

Ancestrales Poetics of Dance for Body in Becoming Woman

Claudia Madruga Cunha<sup>1</sup>

Karine Cristina Pfütz<sup>2</sup>

Thais Adriane Vieira de Matos<sup>3</sup>

**DOI:** <https://doi.org/10.47965/fermen.17.1.5>

**Recibido:** 4 de julio de 2022

**Aceptado:** 17 de noviembre de 2022

---

<sup>1</sup> Pós-Doutora em Educação pela Universidade do Porto (UP), Doutora em Educação (UFRGS), Mestra em Filosofia (PUCRS), Licenciada em Filosofia (UFPEL). Docente do Departamento de Artes, curso Bacharelado em Produção Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha Linguagem, Corpo e Estética na Educação, coordenadora do Grupo rizoma: Laboratório de pesquisa em filosofia da diferença e arte educação ambos da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Orcid. <https://orcid.org/0000-0002-2867-5566>. Email: cmadrugacunha@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel e Licenciada em Filosofia pela mesma instituição. Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário UniDomBosco. Especialista em Neuroaprendizagem (UNIFATECIE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8878-2796>. Email: karinepfutz@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestra em Educação pelo mesmo programa e Licenciada em Educação Física, ambas pela UFPR. Pesquisadora do Programa de Excelência Acadêmica – PROEX da CAPES. Teórica dos Estudos de Gênero pós-estruturalistas unidos à Filosofia da Diferença no contexto da formação e da prática docente. <https://orcid.org/0000-0003-3413-6777>. Email: thaisadrianematos@gmail.com.

## Resumo

Trazemos abaixo reverberações de uma oficina realizada no projeto de extensão intitulado: “Experimentações com o rizoma: cartografar, pensar e criar um corpo intensivo”, proposto pelo Grupo de Pesquisa Rizoma, formado por professores ligados à dança, performance, arte e filosofia. Esse grupo, vivendo o contexto de pandemia, resolveu criar um projeto que viesse a ativar conceitos deleuzianos e guattarianos, que vinham sendo estudados e experimentados nas escritas de teses e dissertações. Cansados da rotina das análises textuais e dos debates epistêmicos e contra epistêmicos; obrigados a conviver enquanto grupo em meio remoto, esse coletivo passa a se perceber como ausente ao próprio corpo. O covid-19 impôs distância, ausência, impossibilitou viver um corpo comum. Corpos são intensidades e multiplicidades, percepções do vivido em movimento. A pandemia impôs perdas, restrições e o governo brasileiro em seus delírios contra a vida e a ciência, nos impôs planos oscilantes, o corpo sofrendo e sendo esquecido. Confinados a estudar e escrever por meio de redes, próximos a notícias tristes, este foi o cenário que ativou um projeto de extensão que ousou criar 5 oficinas para fins de sensibilizar um corpo intensivo. Tratamos nesse artigo dos ecos e repercussões que a segunda oficina prática nos fez viver como temática, quando trouxe as Danças Circulares Sagradas como meio potencializador de uma ancestralidade feminina. Dialogando com as formas de interação das mulheres na contemporaneidade, enfatizando práticas e movimentos ritualísticos ritmados por antecessoras que têm subvertido a anunciação de corporeidades dançantes fora da ordem binária, patriarcal e heteronormativa.

**Palavras-chave:** Ancestralidade. Corpo. Danças Circulares Sagradas. Devir-mulher. Diferença.

## Resumen

A continuación, traemos reverberaciones de un taller realizado en el proyecto de extensión titulado: “Experimentações com o rizoma: cartografar, pensar e criar um corpo intensivo”, propuesto por el Grupo de Investigación Rizoma, formado por docentes vinculados a la danza, la performance, el arte y la filosofía. Este grupo, viviendo en el contexto de una pandemia, decidió crear un proyecto que activase los conceptos deleuzianos y guattarianos, que habían sido estudiados y experimentados en la redacción de tesis y disertaciones. Cansado

de la rutina del análisis textual y de los debates epistémicos y contra epistémicos; forzado a convivir como grupo en un entorno remoto, este colectivo comienza a percibirse como ausente de su propio cuerpo. El covid-19 impuso la distancia, la ausencia, imposibilitó vivir un cuerpo común. Los cuerpos son intensidades y multiplicidades, percepciones de la experiencia vivida en movimiento. La pandemia impuso pérdidas, restricciones y el gobierno brasileño, en sus delirios contra la vida y la ciencia, nos impuso planes vacilantes, el cuerpo sufriente, olvidado. Confinada a estudiar y escribir a través de las redes, cercana a una triste noticia, fue el escenario para activar un proyecto de extensión que se atrevió a crear 5 talleres con el propósito de sensibilizar un cuerpo intensivo. En este artículo nos ocupamos de los ecos y repercusiones que tuvo la segunda da taller práctico nos hizo vivir como tema, cuando trajo las Danzas Sagradas Circulares como medio de potencialización de una estirpe femenina. Dialoga con las formas de interacción de las mujeres en la contemporaneidad, enfatizando prácticas rituales y movimientos pautados por antecesores que han subvertido la enunciación de corporeidades danzantes fuera del orden binario, patriarcal y heteronormativo.

**Palabras clave:** Ascendencia. Cuerpo. Danzas del Círculo Sagrado. Devenir mujer. Diferencia.

### **Abstract**

Below we bring reverberations of a workshop held in the extension project entitled: “Experimentações com o rizoma: cartografar, pensar e criar um corpo intensivo”, proposed by the Research Group called Rizoma, formed by teachers linked to dance, performance, art and philosophy. This group, living in the context of a pandemic, decided to create a project that would activate Deleuzian and Guattarian concepts, which had been studied and experimented in the writing of theses and dissertations. Tired of the routine of textual analysis and epistemic and counter-epistemic debates; forced to live together as a group in a remote environment, this collective begins to perceive itself as absent from its own body. The covid-19 imposed distance, absence, made it impossible to live a common body. Bodies are intensities and multiplicities, perceptions of lived experience in movement. The pandemic-imposed losses, restrictions and the Brazilian government, in its delusions against life and science, imposed wavering plans on us, the body suffering, forgotten. Confined to study and write through networks, close to sad news, this was the scenario to activate an extension project that dared

to create 5 workshops for the purpose of sensitizing an intensive body. In this article, we deal with the echoes and repercussions that the second practical workshop made us live as a theme, when it brought the Sacred Circular Dances as a means of potentiating a female ancestry. Dialogue with the forms of interaction of women in contemporary times, emphasizing ritualistic practices and movements paced by predecessors that have subverted the annunciation of dancing corporeities outside the binary, patriarchal and heteronormative order.

**Keywords:** Ancestry. Becoming-woman. Body. Difference. Sacred Circle Dances.

## Introdução

Março de 2020, o Grupo de pesquisa que se intitula Rizoma<sup>4</sup> se reúne, final da tarde de uma segunda-feira, a reunião é remota, a plataforma que facilitou o encontro chama-se *jitsi meet*. A forma de organização dos encontros havia mudado há pouco tempo, deixamos de nos ver presencialmente. E não sabíamos naqueles dias por quanto tempo. Os estudos e as escritas seguiam, por ordem dos calendários acadêmicos que cada vez mais não nos permitem parar. Cronos é um rei autoritário. Nossa insubmissão tremulante sempre, nossa trilha seguia se fazendo sobre textos, fragmentos e conceitos saídos do *Mil Platôs* v. 1, 3 e 4 de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Uma tese que movimentava o conceito de devir-mulher ia se aprontando no grupo, outros estudos e escritas vinham experimentando as possibilidades abertas pelo conceito de Corpo sem Órgãos.

A constância das análises textuais, dos debates epistêmicos e contra epistêmicos que nos unem em torno de algo comum, passou a se realizar nos moldes *online*. Distanciamos-nos como corpos, intensidades e multiplicidades. Cada corpo com seu tracionar de afetos, percepções de mundo, traços vividos, estratos do dia a dia, confinado a sua casa, deixava de exercer aquela filia de grupo, de bando, como disse Deleuze (2013). Tínhamos entrado em uma pandemia e não sabíamos como lidar com ela, nos afligia não saber até quando iriam

---

<sup>4</sup> Grupo CNPQ intitulado “Grupo Rizoma – Laboratório de pesquisa em filosofia da diferença e arte educação”, ligado a Linha de pesquisa chamada “Linguagem, corpo e estética” e ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (Brasil).

contabilizar tantas perdas, danos e restrições que a Covid-19 nos impunha. A governança do estado brasileiro em delírios contra a vida e a ciência, conquistas sociais em todos os âmbitos e planos em declínio, resultado de uma gestão de escárnio.

Trabalhar confinadas/os e com receio do que estava por vir, nos caracterizava nesse início de 2020. O meio remoto nos aproximava das redes sociais e, as redes sendo a forma dos encontros, facilitava que todo dia se acessasse fatos tristes. Foi então que surgiu a proposta no grupo de pesquisa, de um projeto de extensão. A maior parte das/os professoras/es na atual configuração do grupo de pesquisa Rizoma vêm da Dança, temos também membros das artes da Performance, da Educação Física escolar e da Filosofia, uma matilha que passou a se ressentir de não estarem envolvida com atividades e práticas da arte e cultura.

A proposta de um projeto de extensão já vinha rondando o Grupo desde 2019, com a ideia de chamar para o diálogo estudantes e outros profissionais das áreas afins, para formar um laboratório que visasse práticas de um corpo intensivo - algo próximo ao Corpo sem Órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Formamos um grupo de extensão para escuta e troca de diferentes modos, concepções, técnicas de preparo e de formação de um corpo para arte ou de um corpo sensível. Nosso grupo de pesquisa, vindo de estudos e escritas próximas aos estudos da diferença deleuzianos-guattarianos, visava ampliar seu repertório, ao buscar se aproximar de outros profissionais e interessados que viessem de fora da Universidade Federal do Paraná. O objetivo era criar alianças, com outras teorias e conceitos, formas e concepções, outras experimentalidades em torno do corpo sensível. O projeto começou em 2020, com uma expectativa de futuros encontros presenciais ainda naquele ano. Demoramos para entender os obstáculos da pandemia, nos entristecemos, mas não desistimos da proposta de criar atividades que movimentassem o corpo sensível. No início de 2021 começamos novamente com reuniões, mudaram alguns colaboradores, se juntaram a nós dois estudantes de Produção Cênica<sup>5</sup>, que contribuíram para a criação dos eventos online.

Passamos o primeiro semestre de 2021 discutindo a forma e conteúdo de 5 oficinas que foram propostas no segundo semestre. A ideia de fazer experimentações sensíveis em meio remoto, sensibilizar o corpo sem presença direta das/os participantes tornava as propostas fugidias, ninguém possui experiência com isso. Mas o grupo de pesquisa persistia, estava meio

---

<sup>5</sup> Trata-se dos estudantes de graduação Mônica Luz e Vinicius Jardim, vinculados ao Curso de Graduação Tecnólogo em Produção Cênica, bolsistas do projeto de extensão “Experimentações com o rizoma: cartografar, pensar e criar um corpo intensivo”.

entediado de realizar estudos deleuzianos-guattarianos com experimentações de texto, um tipo de crítica sem clínica, sem prática. Os participantes do projeto intitulado “Experimentações com o rizoma: cartografar, pensar e criar um corpo intensivo”, se dividiram em 4 grupos menores para criar os conteúdos que orientaram a prática das oficinas. As reuniões de produção se deram nas sextas-feiras e nos sábados e entre o final da manhã e o início da tarde, aconteceram as oficinas.

Realizamos no segundo semestre de 2021 cinco oficinas temáticas por meio remoto: a primeira de performance, girou em torno de uma escrita de cartas ao corpo; outras três oficinas movimentaram a dança, a segunda – que trazemos mais detalhes por aqui, tratou do gênero e das danças circulares; a terceira reuniu escrita e dança no Palavramoveria; a quarta o ministrante trouxe os corpos encarnados, um xirê em processo de criação; e, por final, a quinta, se fez ao modo de um encontro final que foi chamado de Afetos Intensivos.

Manter a proposta das oficinas e executá-las foi muito intenso e importante para a manutenção do sentido de pertença do grupo de pesquisa Rizoma. As/os novas/os ingressantes das seleções de mestrado e doutorado de 2020 e 2021, passaram a ser uma maioria em um grupo que nunca tinha se encontrado presencialmente. Outra característica desse grupo, atualmente com 11 integrantes em processo de formação, é sua proximidade com os estudos do gênero. Os Estudos de Gênero pós-estruturalistas costuram as muitas teses e dissertações que vêm sendo desenvolvidas. As reuniões voltadas a ação e recepção de pessoas fora do grupo, trouxe uma motivação muito intensa, cada oficina nos aproximou umas das outras e de nós mesmas, pois as práticas acabaram por reverberar nossos afetos, estes passaram a liberar planos que alcançavam as escritas e estudos.

Trazemos abaixo algumas considerações sobre a segunda oficina que foi nominada de “Gênero e dança circular: afectos e perceptos para desterritorializar o corpo escolarizado”, ministradas por duas profissionais da Educação Física escolar, que nos propiciaram dialogar com os saberes ancestrais femininos. A intenção deste artigo é mostrar como a dança circular pôde contribuir para a prática de corpo intensivo e os efeitos que a oficina causou em nosso grupo de estudos.

### **Gênero, ancestralidade e subversões intensivas**

O que percebemos enquanto produtoras e ministrantes desta oficina de “gênero e dança circular”<sup>6</sup> é que ela nos ativou diferentes vibrações vindas de um corpo feminino ancestral. Sensibilidade que costumamos manter adormecida em uma sociedade que permanece sobre moldes patriarcais onde mulheres e suas linguagens são marginalizadas. Foi um convite a romper com a masculinidade que segue ocupando a centralidade na produção do conhecimento, autorreferenciando uma suposta razão iluminista sobre outras formas de pensamento. A dança circular ativou nosso devir-mulher (DELEUZE, GUATTARI, 1997) e, envoltas nessa embriaguez, nos sentimos habitando um plano de subversão à racionalidade colonizadora/patriarcal e às suas práticas. Percebemo-nos próximas a um sagrado feminino, que é também um sagrado profano, vindo de um feminino que se faz à margem de uma via analítica e histórica. A dança circular ou ancestral mostrou possibilidades (des)educativas do corpo, pensando a materialidade do existir destinada às mulheres transgênero e cisgênero, além de movimentar o direito de cada mulher de se tornar o que quiser, em plena liberdade e autonomia.

### ***Reunindo os fragmentos da imagem mulher***

Trouxemos para o grupo de pesquisa uma forma intensiva na qual o feminino se espraia, as histórias das mulheres, a dos tempos esquecidas, ocultadas e, muito recentemente, retomadas a lembrança. Desde o século XX, mais especificamente após os anos 60, a busca pela mulher ancestral, reaparece como discurso potente para o movimento das mulheres. Considerando tal cenário, Maria José Rosado enfatiza que

[...] os efeitos da crítica feminista foram também dos mais contraditórios: do abandono de qualquer fê religiosa pelas mulheres, à criação de espaços feministas de espiritualidade de vários tipos, expressando uma enorme criatividade e efervescência (ROSADO, 2016, p. 79).

Mirella Faur (2011), nos ajuda a pensar que talvez a busca por certo princípio do sagrado feminino, associado ao culto de uma Deusa mulher, vem se desdobrando das diversas facetas invocando o arquétipo do feminino, demarcando ciclos de vida e outras significações nas mais

---

<sup>6</sup> A oficina ocorreu em setembro de 2021, foi elaborada e ministrada por uma das autoras, Thais Adriane Vieira de Matos, que convidou a focalizadora de Danças Circulares Sagradas Carmela Bardini para realização do evento, ambas são Licenciadas em Educação Física pela UFPR e atuam com práticas artísticas e corporais inventivas.

diversas culturas. A partir da década de 70, a preocupação com a preservação do planeta também promoveu o chamado ecofeminismo<sup>7</sup>, no qual os princípios desse sagrado e das culturas matrísticas<sup>8</sup> aparecem estabelecendo uma proximidade entre a violência sofrida pelas mulheres e a causada pela humanidade contra a natureza. Tal procura e volta às culturas ancestrais está vinculada ao processo de retomada e de reconstrução de uma memória não unilateral do passado, estabelecendo uma necessidade de maior contato e equilíbrio entre as pessoas e o mundo natural ou orgânico (FAUR, 2011).

Nos parece que envolto nesse imaginário ancestral do feminino há, também, um aspecto político, por envolver a visibilidade e busca pela dignidade das mulheres no campo social. A busca por certo espaço, território no sentido deleuziano-guattariano (1995), conduz ao entendimento de que “[...] este também não pode ser restrito ao local onde acontece, mas sim, à constituição de subjetividades e afetos que engendra” (MARQUES; GREINER, 2020, p. 5). Quanto à constituição de subjetividades, a ancestralidade refere à internalização de tempos vividos e orientados de acordo com os ciclos da natureza, certo culto aos ciclos do sagrado feminino, pelos quais as mulheres mantinham uma sintonia com este mundo e, realizando seus rituais, faziam parte do mesmo. Nosso ritual de dança circular ancestral, movimentou afetos ocultos e trouxe o sentido de um certo esperar, como se expressou Donna Haraway para Nicholas Gane:

[...] tentar lidar com a esperança impossível de que a desordem estabelecida não é necessária. Essa herança vem da teoria crítica e vê o feminismo como um ato de recusa ao sofrimento profundo e histórico das mulheres em toda parte, ao mesmo tempo em que lida [com o fato de] que nem tudo é sofrimento. Há algo na vida das mulheres que merece ser celebrado, nomeado e vivido, e há entre nós algumas necessidades culturais e organizacionais urgentes – quem quer que “nós” sejamos (GANE; HARAWAY, 2009, p. 3).

Haraway (GANE, 2009) expressa neste recorte, o impulso pós-crítico de levar as coisas adiante, sem perder de vista questões imprescindíveis como as pautas feministas. Por toda a história da humanidade, como aborda Neumann (1996), houve a presença constante do

---

<sup>7</sup> O termo ecofeminismo teria surgido na obra *Le féminisme ou la Mort*, de Françoise d'Eaubonne, publicado em 1974. Refere-se a relação estabelecida entre natureza, mulher e ciência, conectando o movimento ecológico ao feminismo.

<sup>8</sup> Uso intencional do termo matrístico de acordo com Maturana (2011), para enfatizar uma cultura na qual as mulheres têm uma presença não autoritária e não hierárquica. A expressão “matrística” designa uma participação cooperativa entre quem se identifica como homem ou como mulher, não um redirecionamento do controle e da autoridade, pela oposição ao patriarcal, como sugere o termo matriarcal.



feminino, sob a representação da Deusa multifacetada. Essa Deusa adquiriu muitos nomes, de Grande Mãe, retratada pelas religiões, representando a fertilidade; à própria Mãe Natureza, representando a terra e seus elementos. São questões das quais andamos próximas ou já ouvimos falar recentemente. A exemplo, nos primórdios o cuidado da agricultura, “[...] transforma radicalmente não somente a economia do homem primitivo, mas, sobretudo, sua economia do sagrado” (ELIADE, 1992, p. 63). Cuidado que passa a ser das mulheres e que reformula o interesse por outras manifestações culturais, como a mitologia da mulher e da terra.

A experiência religiosa torna-se mais concreta, quer dizer, mais intimamente misturada à Vida. As grandes Deusas Mães e os Deuses fortes ou os gênios da fecundidade são claramente mais “dinâmicos” e mais acessíveis aos homens do que o era o Deus criador (ELIADE, 1992, p. 63).

Ao pensar movimentos ritmados para constituir territórios de atuação, de partilha e de comunicação, também nos convoca a pensar: o que andamos experimentando conceitualmente com a Filosofia da Diferença<sup>9</sup>? O que os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari chamaram de devir-mulher, num conceito que se localiza em uma Geofilosofia<sup>10</sup>, instiga a dizer que “[...] a territorialidade não demarca apenas um território ou local, mas sim, um campo de conexões, relações múltiplas e devires que estabelecem, por sua vez, regimes de troca, captura e desestabilização de códigos dados” (MARQUES; GREINER, 2020, p. 5). A ancestralidade das mulheres ressurgiu, então, pelo vínculo com a terra, como ação do inconsciente que implica as multiplicidades que desdobram os corpos femininos, permitindo um devir-mulher como prática desse encontro com a terra.

### **Porque fazer dançar o devir-mulher?**

A ancestralidade traciona linhas de um retrato do feminino, uma espécie de bricolagem no sentido levistraussiano (1976). Assim, Freya, Vily, Lei-zi, Kali, Hécate, Deméter, Baubo, Kuan-Yin, Afrodite, Tara, Airmid, Ishtar, Danu, Ísis, Vênus, Astarte, Inanna, Eurínome,

---

<sup>9</sup> Na segunda metade do século XX, mais precisamente na França, surgiu uma perspectiva que procurou pensar a diferença e não a representação e a identidade, provocando rupturas com o pensar clássico ocidental. Sob forte influência do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, as chamadas filosofias da diferença trabalham com e por novas construções do pensamento cf Peters(2000). Dentre os filósofos da diferença, destaca-se Gilles Deleuze, quem apresenta o pensamento como uma potência criadora.

<sup>10</sup> Deleuze e Guattari apresentam a Geofilosofia na obra *O que é a filosofia?* (2010). Este conceito trata de um deslocamento da filosofia para a geografia, operando com a interação entre o pensamento e a terra.

Ceres, Kubaba, Coatlicue, Pótnia, Perséfone, Saravasti, Nidabal, Brigith, Artemis, Vily, Ixchel, Calipso, Reia, Hécate, Ceridwen, Yemonja e tantas deusas são performatividades (BUTLER, 2016) do feminino. Retratos vindos de um conhecimento acumulado por séculos e transformados pelos ciclos próprios à vida. São a

[...] busca de significado, esta inclinação de pensamento humano a compreender a si mesmo e ao mundo, a buscar explicações que justifiquem seu estar no mundo e mesmo o ser do mundo começa, de certo modo, a ser construída e expressa através do modo mítico de pensar. [...] o mito diz respeito aos arquétipos elementares da vida do espírito, e feminino é um deles. Como em outras esferas, ademais, pode ser compreendido sob os sentidos sagrado e profano, ou mesmo sintetizar esta dicotomia. Um olhar sobre o que podemos chamar de “mitologias do feminino” pode contribuir para a compreensão da condição feminina em seus diferentes aspectos culturais, inclusive determinando as imagens do feminino no mundo contemporâneo (ROSÁRIO, 2008, p. 3).

Encontramos até mesmo na herança judaico-cristã representações do sagrado feminino, a Bíblia nos traz Shekhina da tradição cabalística hebraica e a Virgem Maria do catolicismo, a Sagrada Mãe de Deus (EISLER, 1989, p. 33). A partir desses nomes e faces, Jung (2000) apresentou as imagens dos arquétipos do feminino não só como divindades, mas como formas de relação com a atuação das mulheres no mundo. Entender tais relações envolve apreender mais sobre a ancestralidade em uma concepção dos territórios-terra e dos territórios-mulher. A oficina “Gênero e dança circular: afectos e perceptos para desterritorializar o corpo escolarizado” enquanto prática para um corpo intensivo, serviu como atividade intercessora (DELEUZE; GUATTARI, 2010) que trouxe outros rumos para alguns estudos que vinham se fazendo em torno do devir- mulher. O conceito devir-mulher, ganhou nova força ao remeter aos modos outros com os quais as mulheres, estando em contato com terra, produziram diferentes tipos de arte, ciência e filosofia; fizeram uso medicinal das plantas; catalogaram espécies; criaram calendários lunares para acompanhar e orientar ciclos menstruais de seus corpos; conformaram tempos de plantar e de colher; ativaram políticas outras como líderes de seus clãs; se fizeram xamãs, adivinhas, curandeiras, guardiãs e transmissoras dos saberes da natureza e de suas culturas.

Essa ampliação experimental do *devir-mulher*, esse devir-mulher dançado nada tem a ver com a busca de definição ou identidade fixa que se quer reconduzir culturalmente, através de manifestações e expressões que dizem do ser mulher por uma questão de anatomia. Na perspectiva de que existir envolve processos de diferenciação, ousamos pensar com nossos autores que “[...] não estamos no mundo, nós nos tornamos, contemplando-o. Tudo é visão

devir. Tornamo-nos universo. Devires animal, vegetal, molecular, devir zero” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 200). É preciso compreender também que, apesar de uma anterioridade do sagrado feminino em diferentes sociedades, a história da humanidade é a realização de uma narrativa masculina sobre o passado, tornada um ponto de vista universal e centralizador com o qual:

[...] o masculino aparece sempre como superior ao feminino. Foram os homens os autores das grandes construções conceituais. Este universalismo que negou a diferença entre os sexos, ou melhor, que estabeleceu uma divisão simbólica dos sexos, mascarou o privilégio do modelo masculino sob a pretensa neutralidade sexual dos sujeitos (COLLING, 2014, p. 12).

Portanto, o resgate da ancestralidade feminina apareceu como ruptura de estruturas concebidas e impostas pela sociedade do homem como *universal* (DELEUZE, GUATTARI, 2010), não em um sentido de oposição, mas de desconstrução da matriz heteronormativa (BUTLER, 2016), desse modo o masculino impera para sanar ou quem sabe amenizar as consequências individuais e coletivas advindas de uma vontade de controle persistente da potência do feminino. Lógica essa que também foi destacada na obra de Butler (2016). O que nos aproxima pensar que, as chagas das deusas são danos físicos, econômicos, psicológicos, emocionais que as mulheres carregam e que correspondem aos ferimentos causados por uma narrativa histórica que sempre tendeu a ignorar a potência feminina. As feridas são como marcas de lutas empreendidas de forma simbólica ou efetiva. Embora as mulheres sejam cíclicas isso não significa que andam em círculos, as danças circulares vão muito além da experiência do círculo e tem a ver com a relação corpo e terra. A dança circular sagrada (DCS) experimenta habilidades e dons que foram escamoteados por crenças e limitações patriarcais.

[...] temos a certeza de que a busca pelo sagrado, pela reconexão entre a dança e algo que nos permite transcender, não é particularidade da DCS; esse desejo está presente em outros ramos da dança. No caso da DCS em particular, não existe um posicionamento tão forte quanto ao feminino, ou ao papel da mulher na sociedade contemporânea. O que vemos na maioria das vezes, contudo, são rodas em que há uma predominância de mulheres (MOYA, 2019, p. 83).

Como se trata de uma linguagem e de uma prática do sensível o conceito de devir-mulher, se mostra latente aos movimentos desta dança ancestral. Dança que sensibiliza uma forma de resistência, uma variação do existir que se aproxima e traduz o feminino associado aos ciclos da terra. Vidas, mortes, nascimentos, crescimentos, mudanças das estações, fases da lua,

tempos de colheita e de escassez, entre outras situações do cotidiano que sempre foram motivos para bater tambor, cantar, dançar e rodar ao ar livre para a mulher ancestral. Nunca se tratou do bater pelo bater ou do dançar por dançar, trata-se de movimentar as relações intra ciclos, matérias corpo e terra em conexão. Dança como atividade iniciática que nos reúne ao inesperado e ao desconhecido, movimentos e corpos enquanto possibilidades de ativar um devir-mulher, que experimental nos conduz à magia como um presente a nós mesmas.

Conforme Federici (2017), com a advento da modernidade a reformulação da concepção de propriedade nas comunidades antigas, conduziu ao fortalecimento de perspectiva cristã, neste contexto as expressões do feminino passaram a ser marginalizadas e nas sociedades posteriores, sofreram as limitações impostas da colonização, fundadas no eurocentrismo e no cristianismo. Muitas dessas manifestações ancestrais, quando não apagadas, foram apropriadas e modificadas para referenciar o mundo dos homens e do deus cristão. É bom lembrar que “[...] por vários séculos a dança foi exclusivamente uma prática masculina, incluindo as mulheres somente tempos depois ao saírem dos templos” (FRANCO; FERREIRA, 2016, p. 267). Voltando para a questão do corpo objeto do pecado, segundo Rosado (2021), grande parte das religiões ocidentais tradicionais passaram a rejeitar o corpo, principalmente o corpo tido como feminino. A obsessão em ligar a forma do corpo entendido como feminino ao pecado se confirma durante toda a inquisição, quando a Igreja, por meio dos seus caçadores de bruxas, buscou por supostos “atos sexuais” das mulheres com Satanás<sup>11</sup>.

Trazendo a discussão para um tempo mais recente, a dança pode ser entendida como uma linguagem subversiva, modos de expressão dos corpos femininos. As primeiras dançarinas modernas “[...] diferenciavam-se em sua visão de uma nova dança por meio da absorção de modelos estéticos de outras culturas, tais como a grega em Isadora Duncan, a oriental em Ruth Saint Denis e a africana em Katherine Dunham” (MEYER, 2013, p. 129). Aproveitando o momento de efervescência artística e cultural, Duncan (São Francisco, 1877-1927), precursora do balé moderno, opôs-se

---

<sup>11</sup> Segundo Delumeau (1989), do século XIV ao XVIII, as guerras civis e religiosas pela Europa, geraram um ambiente de medo, miséria e disputas. No início da idade moderna, a humanidade tem na figura do mal o responsável pelas mazelas sociais, agindo neste mundo, em especial, por meio das mulheres. “[...] a mulher foi então identificada como um perigoso agente de Satã; e não apenas por homens de Igreja, mas igualmente por juízes leigos” (p. 462).

[...] aos rígidos estatutos de vestimenta e posturas do balé clássico, assim como ousou dançar composições de grandes músicos como Beethoven, Chopin e Brahms, o que era, até então, privilégio dos concertos e recitais. Duncan foi precursora ao dançar descalça e usar túnicas, influenciada, principalmente, pela arte grega. Ela compreendia a dança como uma rebelião, um ato de protesto contra a convencionalidade da dança de seu tempo (FRANCO; FERREIRA, 2016, p. 270).

Segundo Meyer (2013) um dos fenômenos mais importantes ocorridos na dança durante o século XX faz referência a composição solo das dançarinas,

[...] marcada pelas contribuições que oscilavam entre a dança “natural” de Isadora Duncan, a dança “de expressão” de Mary Wigman, a dança “espiritual” de Ruth Saint Denis e a dança “grotesca” de Valeska Gert. Entre as contribuições singulares das danças solo de cada uma destas mulheres criadoras ressalta-se a proposição de uma nova corporeidade e postura do feminino e o rompimento do discurso universal do corpo consolidado pela gramática do balé (ibidem, p. 129).

Ainda de acordo com Meyer (2013, p. 129), a apresentação solo elencou a presença de uma postura política, estética e ética na dança. No cenário nacional dos anos 1930 e 40, Eros Volússia (1914-2004), com seus movimentos ritmados afirmou uma “[...] mistura de nacionalismo e modernismo, imbuídos em refletir sua própria cultura, mais precisamente, a vertente afro-brasileira” (ibidem, p. 129). Volússia instaurou na dança uma espécie de operação antropofágica ao usar referências culturais estrangeiras e nacionais (MEYER, 2013). No contemporâneo, também se destacam as danças étnicas, encontradas nas culturas indígenas e africanas, acompanhadas pelo sincretismo religioso e pelas manifestações folclóricas.

### **Devir-mulher e corpo que dança**

O corpo intensivo buscado experimentalmente na oficina “Gênero e Danças Circulares: afectos e perceptos para desterritorializar o corpo escolarizado” quis expandir e fazer vibrar o corpo como expressão de afirmação de uma ancestralidade feminina, transmissora de saberes, que renovados pudessem contemplar outros entendimentos e formas do feminino. Partindo, então, da manifestação corporal ritmada enquanto potência expressiva, meio integrador, movimentado pelos cultos, rituais, oferendas e celebrações para potencializar uma educação menor<sup>12</sup> que, como diz Silvio Gallo (2008, p. 62), consiga insistir

---

<sup>12</sup> Educação menor faz referência ao conceito de literatura, presente na obra *Kafka - por uma literatura menor*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Aparece como deslocamento conceitual no livro *Deleuze e a Educação*, de Silvio Gallo (2008). Trata de uma proposta de resistência, que acontece para além das normas, dos currículos e dos modelos prontos no sentido de estabelecer outros entendimentos e práticas educativas pela via da filosofia da diferença.

[...] nessa coisa meio fora de moda, de buscar um processo educativo comprometido com transformações no status quo; insistir nessa coisa de investir em um processo educativo comprometido com a singularização, comprometido com valores libertários” (ibidem, p. 62).

Antes, durante e após a oficina “Gênero e Danças Circulares: afectos e perceptos para desterritorializar o corpo escolarizado”, talvez um devir-mulher nos tenha atravessado, talvez tenha sido potencializado no instante sensível em que a vela foi acesa, a saia foi colocada, quando dispusemos de um pequeno altar em nossa casa para celebrar essa dança. Preparamos o corpo e a casa, um plano, um entorno, uma recepção, não para viver um devir- mulher, mas para fazer dançar um feminino ancestral. Nos conectamos por meio dele. Para participar das oficinas solicitamos inscrições prévias, para realizar o registro era preciso ler sobre os elementos e condições necessárias à realização e recepção da atividade organizada. A disponibilização de informações mínimas, veio a ser uma atenção prévia, que visou preparar os/as participantes para uma abertura a algo que vindo de fora, adentrava ritmicamente o corpo, o alcançava, alcançando nele mulheres e outras performatividades de gênero que circulam na contemporaneidade, as quais costumam ser ignoradas e silenciadas. Quis também sensibilizar para a possibilidade de (re)construção de um modo de viver o feminino que habita a cada uma, (re)estabelecer vínculos perdidos com sua performatividade (BUTLER, 2016) mulher. Não buscamos nos tornar deusas que dançam, mas propiciar um processo de (re)aproximação com a figura arquetípica da Deusa, como quem espera o encontro com uma entidade, para celebrá-la, celebrando corpos dispostos a romper com os aspectos negativos do feminino que os atravessa. “O simbolismo da Deusa implica na aceitação da materialidade e da corporeidade da vida como sagradas” (OLIVEIRA, 2005, p. 8). Tal aceitação adquire uma multiplicidade na medida em que opera com diferentes relações de vida pelo entendimento de sacralidade que a atravessa, ao mesmo tempo que desperta o partilhar deste mundo.

Através de um tempo que se desdobra a todo instante, percebemos que a dança ancestral feminina pode conectar forças de um corpo virtual, que o extravasa para além de um rito

ordinário e pode espaçá-lo em devir<sup>13</sup>, devir-mulher<sup>14</sup>, “[...] minoritário por excelência”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 70). Portanto, dançar a ancestralidade implica criar um outro tempo movimento, para além das ações habituais.

Ao tratar do devir-mulher é preciso pressupor o entendimento de que ser mulher não é somente ser esposa e mãe. É compreender que se trata de uma conquista; é um lançar-se para fora do ambiente familiar, inserir-se socialmente e lançar mão da caricatura também da mulher frágil. A mulher nunca foi vista na história como agente, justamente porque suas ações são da ordem da fuga por meio de micro agenciamentos, fendas insondáveis impossíveis de serem percebidas por qualquer tipo de marcação identitária e de amarrá-las conceitualmente por modelos pensados, em suma, a mulher é um devir em experimentação (CARNEIRO, 2013, p. 85).

O devir-mulher é uma passagem do feminino para novos territórios, construção de planos de existir que escapam dos papéis sociais e de uma determinada imagem de mulher, atrelada a aspectos fixos e normativos atribuídos ao que deveria ser o feminino. Devir-mulher diz de uma conexão com o feminino que convoca as mulheres ou qualquer outra forma de identificação humana de gênero para criar vidas vivíveis, de forma múltipla. Para tanto é preciso tirar a ancestralidade da linearidade com a qual costumamos entender o passado e outras memórias que nos foram legadas. É preciso romper esse tempo da arborescência ancestral e buscar um outro sentido para vivê-la, algo próximo a um tempo múltiplo<sup>15</sup>. Também nos parece necessário realizar a (des)territorialização ancestral, atualizando um corpo sensível que a receba, performando o feminino por práticas afetuosas.

### **Considerações finais**

Consideramos que as oficinas realizadas no projeto de extensão “Experimentações com o rizoma: cartografar, pensar e criar um corpo intensivo”, resultou de inquietações de um grupo de pesquisa, o Rizoma, que vinha e vem realizando estudos com os conceitos da diferença, acessados nas teorias pós-estruturalistas propostos por Gilles Deleuze, Felix Guattari e

---

<sup>13</sup> Devir é um conceito filosófico que está atrelado à ideia de mudança constante e que se opõe a contextos e modelos majoritários. Pode ser entendido como “[...] algo que não tem estado final, não projeta uma identidade... Devir como um estado de variação”. (NIETZSCHE, 2008, p. 358).

<sup>14</sup> Deleuze e Guattari (1997) definem o devir-mulher como fundamental para a ocorrência de qualquer outro devir por desterritorializar o homem e fazer escapar suas formas binárias e hierárquicas. Não há devir-homem porque o homem possui um modelo fixo de existência: branco, racional e ocidental. Tal modelo procura capturar o mundo e entes ao seu redor. Já o devir-mulher flui além da forma.

<sup>15</sup> Rizoma na filosofia de Deleuze e Guattari é um deslocamento conceitual do termo da botânica, fazendo referência a estrutura de plantas que não possuem uma base vertical profundamente enraizada, crescendo horizontalmente por filamentos adventícios.

outras/os. Determinadas características pessoais e profissionais dos participantes deste grupo, perceberam-se inquietados por alguns conceitos deleuzianos e guattarianos, esse incômodo foi se traduzindo na necessidade de ativar o corpo enquanto matéria sensível, múltipla, diretamente conectada com o inconsciente. As oficinas buscaram em tempos de restrição e distanciamento físico, em um contexto pandêmico e de acirramento das violências sociais e políticas, formas de fazer expressar esse corpo e aliviá-lo.

Relatamos por aqui alguns significados que passaram a nos reverberar, a partir da proposta da oficina que trouxe as danças circulares, que permitiram acessar devires e nos criaram interesses e afetos por uma outra ativação de memória do feminino, menos histórica e mais intuitiva e mágica. Dançar em ciclos ritmados, acíclicos, rompem a roda e a retomam, encurtam o ciclo e o expandem, fragmentam e reconectam o movimento, diz de formar alianças com outras possibilidades de vida e de expressão de si. Não se trata da manifestação de um organismo determinado, mas da “[...] vitalidade não orgânica [que] é a relação do corpo com forças ou poderes imperceptíveis que dele se apossam ou dos quais ele se apossa, como a lua se apossa do corpo de uma mulher” (DELEUZE, 2013, p. 168). Consideramos também as conexões com as potências do impessoal, uma vez que esse sagrado não diz mais sobre um contexto religioso, mas sobre um corpo que procura vida em movimento, dinâmica, regida pelas intensidades.

Neste diálogo entre corpo, cultura e território fica evidente que o raciocínio colonizador/patriarcal está ligado ao entendimento histórico e cultural relacionado ao nascer e ser designada como mulher, tendo um papel na sociedade pré-determinado no encadeamento *sexo-gênero-desejo* (BUTLER, 2016). Nesse sentido movimentar arquétipos de deusas pode também contribuir para uma percepção dessas entidades como potências, rompendo com limitações do pensamento. Já o reconhecimento de uma potência ancestral pela dança pode remodelar uma sistemática educativa formal e informal de repressão da feminilidade, em suas diferentes formas.

Não foi objetivo aqui separar as Danças Circulares Sagradas das danças que requerem alto rendimento técnico, ou a arte da vida da arte dos palcos, o pensar pela diferença não estabelece dualidades, divisões, mas encontros, assim as complexas manifestações de dança podem ser atualizadas a partir de novas referências. Importa que a performatividade feminina, por movimentos ritualísticos, artísticos ou não, favorece o encontro com o devir-mulher, pelo autoconhecimento e pela afirmação de corpos que ultrapassam o entendimento binário do



feminino. Discutir, revisar e explorar a ancestralidade feminina pela dança ou outros meios de expressão contribui para a criação de territórios coletivos e produtivos de engajamento contra as violências voltadas ao feminino, territórios pelos quais as mulheres em suas variadas performatividades também podem caminhar sozinhas.

## Referências

- Butler J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carneiro, A. S. *Deleuze & Guattari: uma ética dos devires* (2013). 116 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2013. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2046#preview-link0>. Acesso em: 22 dez. 2021.
- Colling, A. M. (2014). *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados: Ed. UFGD.
- Deleuze, G. (2013). *Conversações*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G y Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, v. 1.
- Deleuze, G. y Guattari, F. (1996). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2.ed. São Paulo: Editora 34, v. 3.
- Deleuze, G. y Guattari, F. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, v. 4.
- Deleuze, G. y Guattari, F. (2010). *O que é a filosofia?*. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34.
- Delumeau, J. (1989). *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Eisler, R. (1989). *O cálice e a espada: nossa história, nosso futuro*. Tradução de Terezinha Santos. Rio de Janeiro: Imago.
- Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Faur, M. (2011). *Círculos sagrados para mulheres contemporâneas*. São Paulo: Pensamento.
- Federici, S. (2017) *Calibã e a bruxa - mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante.
- Franco, N. y Ferreira, N. C (2016). *Evolução da dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema*. Repertório, Salvador, n. 26, p. 266–272. Disponível em:

- <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/17476>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- Gallo, S. (2017) *Deleuze e a Educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Gane, N. y Haraway, D. (2009). Se nós nunca fomos humanos, o que fazer? *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 6, p. 1-18. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1635>. Acesso em: 06 fev. 2022.
- Jung, C. G. (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Lévis-Strauss, C. (1976). *Estruturas elementares de parentesco*. Petrópolis, RJ:Vozes.
- Marquês, A. y Greiner, C. (2020). A Invenção de Territorialidades Subversivas a partir das Performances Feministas de Tania Bruguera, Martha Araújo e do coletivo Polvo de Gallina Negra. *Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 38. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18101>. Acesso em: 18 dez de 2021.
- Maturana, H. Conversas matrísticas e patriarcais. In: MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, G. (2011). *Amar e Brincar - fundamentos esquecidos do humano*. 3. ed. São Paulo: Palas Athena Editora.
- Meyer, S. (2013). Imagens do feminino e do nacionalismo nas danças solo no Brasil: o bailado de Eros Volúcia e a performance de Luiz de Abreu. *Urdimento*, Florianópolis, v. 2, n. 21, p. 128-140. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102212013128>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- Moya, L. F. (2019). *Danças Circulares Sagradas: a contribuição de Bernhard, Maria Gabriele Wosien e a imagem do corpo-dançante a sobrevivência das danças circulares*. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2019.
- Neumann, E. (1996). *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Silvia Mourão Neto. São Paulo: Cultrix.
- Oliveira, R. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. *Revista Ártemis*, n. 3, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2200>. Acesso em: 18 dez. 2021.
- Peters, M.(2000) *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Tradução T. T. da Silva. Belo Horizonte: Autêntica,2000.
- Rosado, M. J. (2016). O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 16, p. 79–96. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644538>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- Rosário, C.C. (2008). Oxum e o feminino sagrado: algumas considerações sobre mito, religião e cultura. In: *ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 4., Salvador. Anais... Salvador: UFBA. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14412.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.